

## NOVAS DIRETRIZES EM GEOGRAFIA HUMANA

ARY FRANÇA

*Ramo ainda novo da ciência geográfica, a Geografia Humana longe está de ter alcançado sua "maturidade": suas fronteiras são mal definidas, seus próprios métodos são passíveis de discussões. Em França, um velho e eminente mestre acaba de tomar uma atitude verdadeiramente "revolucionária" em relação ao seu conceito: referimo-nos a Max. Sorre, autor de uma obra recente — "Les Fondements de la Géographie Humaine".*

*É este exatamente o tema do presente artigo do prof. Dr. ARY FRANÇA, sócio efetivo da A. G. B. e titular interino da cadeira de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Tendo sido aluno de Sorre na Sorbonne, durante o ano de 1947, ninguém melhor do que êle pode, entre nós, interpretar o pensamento do grande professor francês.*

O desenvolvimento moderno da Geografia Humana. As "escolas". — No seu desenvolvimento moderno a Geografia Humana tem alargado de tal forma o seu campo, incorporando novos motivos de interesse — o que é feito freqüentemente sob rubricas diferentes, como Geografia Social, Geografia Política, Geografia Agrícola, Industrial, Econômica, Geografia Psicológica e outras *geografias adjetivadas* —, que os métodos e a unidade da ciência geográfica nem sempre têm sido observados. A Geografia Humana já foi acusada, inúmeras vezes, e não sem certa razão, por acolher à sua sombra, além dos problemas especificamente geográficos, assuntos que não encontram lugar preciso, por exemplo, em Sociologia, na Etnografia, na Antropologia ou em Economia Política — e que são como que as "sobras" dessas ciências do homem. É assim que, nas revistas de Geografia, numa expressão feliz citada por M. Le Lannou (1, p. 6) "tomam lugar os trabalhos que, no estado atual de sistematização científica, continuariam não catalogados".

Datando das últimas décadas do século passado e das duas ou três primeiras do atual, a Geografia Humana encaminhou-se, com raras exceções (as dos trabalhos e teses regionais), para generalizações. Os geógrafos enveredaram, então, com muita freqüência, para discussões estéreis, hoje de valor somente histórico, perdendo contacto com a realidade geográfica. É digno de nota, ainda, que nessa fase de gestação da ciência geográfica, os autores trouxeram para o novo ramo do conhecimento humano métodos e experiências

das disciplinas em que formaram o espírito. Provieram, geralmente, das ciências biológicas, da Sociologia, da Política ou da História.

Na Alemanha surgiu, com Frederico Ratzel, uma tendência de que está impregnada tôda a Geografia Humana moderna: a interpretação estrita das relações dos grupos humanos com o meio físico, terreno muito fértil para a Geografia, mas por vêzes perigoso. Não concedendo aos agrupamentos de homens certa margem de inadaptação ao meio em que vivem, antes apegando-se a esquemas de causa e efeito, em que o meio físico é geralmente a causa, Ratzel e os continuadores da sua obra chegaram a exageros que a própria realidade geográfica contradiz. Salvou-se o seu método histórico-geográfico-regional e é inegável o valor de inúmeras pesquisas e conclusões, anunciadoras das tendências atuais da Ecologia do homem (por exemplo na 1.<sup>a</sup> parte, onde trata do "O homem e o ambiente" e no estudo do "Clima" (7.<sup>a</sup> parte) da sua *Antropogeografia* (2).

Na França, Vidal de La Blache e seu grupo, inspirando-se sobretudo nas ciências sociais e na História, conseguiram arejar a Geografia moderna do rigorismo ratzeliano. Entretanto, espírito aberto às ideias, aquêle mestre francês admitiu e estimulou muitas das concepções da escola alemã nos seus comentários à *Geografia Política* de Ratzel (3) e em vários capítulos dos *Principes* (4), principalmente no intitulado "Les groupements et les milieux". Um dos grandes méritos de La Blache foi não haver estimulado a controvérsia acadêmica entre os do seu próprio grupo com a chamada *escola determinista*. Essa disputa, contudo, existiu e ainda hoje agita uns poucos geógrafos e pessoas informadas sobre Geografia, em intermináveis discussões bizantinas.

Freqüentemente investindo contra fantasmas, as polêmicas entre os clássicos da Geografia Humana, quando analisadas friamente, parecem hoje permitir que se destaque o muito de comum existente nas ideias dos campos em oposição. Tendo em vista a realidade dos fatos da superfície terrestre e aplicando o método geográfico às relações entre o homem e o meio, a Geografia Humana atual, se de um lado admite um determinismo não rígido, por outro lado é levada a conceder que existe geralmente em tôdas as partes da Terra certa margem de inadaptação do homem ao meio — o que, somente nos casos extremos, chega a excluir as possibilidades da existência humana. Vidal de La Blache já defendera a tese de que quanto à cultura e à técnica há principalmente possibilidades de ação, mas com relação ao meio físico há restrições (4). Outros colocaram-se em campos mais extremados da chamada *escola possibilista*, por exemplo Lucien Febvre (5), para quem "o verdadeiro, o único problema geográfico é o da utilização das possibilidades".

Chegou esse autor a admitir que "...jamais a impossibilidade é absoluta, mesmo para as raças menos adaptadas", ponto de vista que não é o dos discípulos de La Blache.

No prefácio ao livro daquele autor (5), encontra-se, porém, uma das mais belas lições de Geografia proporcionada por um historiador, o Professor Henri Berr, para quem "não basta distinguir uma Geografia Humana estática (ação do meio sobre o homem) e uma Geografia Humana dinâmica (ação do homem sobre o meio). É preciso considerar a Geografia Humana como o estudo das relações contínuas que existem entre esses dois elementos associados".

**A Geografia Humana torna-se uma Ecologia do Homem.**

— Considerando o homem como mergulhado no ambiente diverso e inmutável que é a superfície da Terra, a Geografia Humana vem firmando o seu campo, nos dias atuais, como uma *Ecologia do Homem*, no sentido amplo de equilíbrio entre os indivíduos e sociedades com os ambientes.

A noção de Ecologia, no sentido em que essa palavra é utilizada em Botânica, impõe-se em Geografia Humana, substituindo e dando maior precisão científica ao inexgotável capítulo "O Homem e o Meio", no qual pode caber toda a Geografia Humana.

Como ponto de partida da ecologia é necessária a descrição do meio em função do ser que aí reage. Para a Ecologia do Homem, essa tarefa é muito complexa, tratando-se de um ser cujas faculdades de reação e de invenção são ilimitadas. A noção de "optimum", de constantes fisiológicas, de limites impostos ao funcionamento de órgãos do aparelho humano, impõe-se, também, embora nesse terreno o geógrafo encontre as maiores dificuldades ao incursionar no campo da fisiologia humana. As dificuldades residem, não exatamente em fixar os limites teóricos do exercício das funções físicas e mentais do homem, mas em descobrir os pontos críticos, relacionando-os com as condições dos ambientes mutáveis que o homem frequenta nas horas de atividade e nas de repouso.

Se, entre grande número de geógrafos tem havido certa ojeriza na utilização da palavra Ecologia em Geografia Humana, a noção surgiu claramente nos melhores trabalhos sobre o Homem e o meio, da escola alemã e, disfarçadamente, nos dos mais destacados geógrafos franceses, principalmente em Geografia Regional. O próprio Vidal de La Blache chama a atenção para o sentido ecológico em Geografia Humana, afirmando: "A noção de meio deve-se sobretudo à Geografia Botânica e se projeta sobre toda a Geografia dos seres vivos" (4, pág. 6). Demangeon é ainda mais preciso

quando conclui: "...cette science botanique appelée l'écologie, qui étudie dans quelle mesure les facteurs du climat et du sol déterminent la vie des plantes. De même, ils peuvent dans une large mesure déterminer la vie des hommes" (6, pág. 27). A tese sustentada pelo geógrafo americano Huntington (7) sobre saúde e energia e sua influência sobre as ocupações humanas ou sobre as influências diretas dos elementos dos climas no trabalho do homem (8) é pura ecologia do homem, se bem que as conclusões não inspirem confiança e os métodos de trabalho não sejam inteiramente recomendáveis. Mas, nos Estados Unidos, são sobretudo os sociólogos que fazem Ecologia do homem, embora sem a base geográfica indispensável.

Os exemplos de influência direta do meio, inspirados no determinismo de Ratzel e repetidos em quase todos os tratados e obras didáticas de Geografia Humana (como *a pele negra e os climas tropicais, climas sedativos, climas estimulantes, a força do meio* e inúmeros outros), correntemente explorados por autores de formação a mais diversa, apesar de todo o *possibilismo* dos geógrafos franceses que não hesitaram em os tratar, são outros tantos pontos de partida para o desenvolvimento atual da Geografia Humana como uma Ecologia. É, enfim, o velho problema das influências ou ação do meio sobre o homem, tratado em plena antiguidade clássica por Hipócrates (9) e ressuscitado depois de todo o medievalismo das concepções sobre *miasmas e influências telúricas*, em bases científicas.

**O homem, um organismo vivo. Os problemas ecológicos tratados em termos do indivíduo e dos agrupamentos humanos.** — A Geografia Humana considera, como não poderia deixar de ser, as multidões. Parte do princípio de que o homem integra-se na paisagem pelos seus próprios característicos antropológicos, como a cor da pele, a estatura, as proporções do seu corpo; além de o fazer mais visivelmente pelas marcas de sua ação sobre a superfície: as suas habitações, as suas cidades, as estradas, os campos cultivados ou por ele devastados.

Mas a primeira condição para o estudo da existência e ação do indivíduo, sobre a superfície da Terra, é considerar o homem como um organismo vivo, submetido a condições determinadas de existência e reagindo às excitações recebidas do meio natural. Nesse meio natural, físico e biológico, os elementos dos climas, a vida vegetal e animal e, ainda, as condições da vida social, no meio dos outros homens, sujeitam os indivíduos da espécie humana a contactos diretos e indiretos, que visam manter condições de equilíbrio vital.

Nem sempre essas relações são favoráveis, principalmente quando consideradas do ponto de vista do grau de civilização ou do nível de vida. A espécie humana, porém, é de tal forma ubíquista que, teoricamente e com os recursos do engenho humano, pode habitar toda a superfície do planeta. A realidade atual continua a ser, contudo, outra: existem exemplos inúmeros de agrupamentos humanos localizados em regiões frias, nas latitudes equatoriais e subequatoriais, nos desertos, em altas montanhas, etc., e até mesmo no interior de regiões altamente humanizadas (inclusive nas grandes metrópoles do mundo atual, onde se encontram os desajustados da vida urbana) e arrastando todas existências precárias, de nível muito baixo, submissos nas relações que mantêm com os meios físico, biológico ou social. O meio inerte e o meio vivo atual, no caso, atuam soberanamente. As possibilidades de vitória sobre a sua ação limitam-se, apenas, a assegurar condições mínimas de vida — semelhantes ao que se passa com as plantas em climas ou solos hostis — o que não é desejável em um mundo civilizado. E, para a Geografia, nenhuma razão existe para considerar o homem nas suas relações com o meio diferentemente das outras espécies vivas.

Quer tratem de agrupamentos humanos ou de indivíduos, todos os autores falam, ainda, se bem que em geral vagamente, em órgãos, funções, constantes orgânicas e físicas, etc., quando se trata de relações entre o homem e o meio físico. Se, por outro lado, não existem diferenças biológicas essenciais entre os indivíduos da espécie humana (como é geralmente aceito), é possível concluir que, no estudo das relações diretas com o meio físico, não há inconveniente para a Geografia Humana em considerar, como ponto de partida, o indivíduo. O homem, organismo vivo, encontra o seu lugar na Ecologia. O próprio Vidal de La Blache, tão cioso do estudo dos agrupamentos humanos, afirmou: “Les associations humaines, de même que les associations végétales et animales, se composent d’éléments divers soumis à l’influence du milieu” (4, pág. 12). Nesse conceito, se a expressão *influence* é vaga, a idéia de imperativos do meio físico, a que se sujeitam os indivíduos ao participarem de agrupamentos sociais, é clara.

Colocando o problema das relações entre o homem e o meio em termos de agrupamentos humanos (de que nos falam todos os autores inspirados nas ciências sociais ou nas biológicas), as conclusões se complicam e é natural que surjam interpretações diversas de um mesmo fenômeno. Ora, a existência de um grupo supõe a adaptação de suas atividades ao meio. Mas sempre existe uma certa margem de inadaptação, cuja posição e importância tem sido impossível precisar. As divergências de opiniões sobre os valores dos diversos metabolismos e, mesmo, sobre a sua observação, em

regiões de diferentes latitudes, ilustram bem a complexidade do assunto.

Jean Brunhes já expusera essas dificuldades ao classificar os fatos geográficos por ordem de complexidade crescente: "Da Geografia das primeiras necessidades vitais (necessidades fisiológicas fundamentais como comer, dormir, vestir-se)" ..... até a Geografia Política, esta a mais complexa (V. 10, tomo I).

#### A obra de Maximilien Sorre e seus fundamentos ecológicos.

— A Ecologia do homem foi tratada recentemente por um geógrafo do maior valor, o Professor Max. Sorre, que com a sua obra monumental *Les fondements de la Géographie Humaine* (11) está revolucionando a ciência geográfica.

Nas próprias palavras desse mestre, "os fundamentos biológicos (assunto do 1.º volume) propõem bases essenciais do estudo do ecúmeno terrestre" (12). O problema do indivíduo é aí colocado inicialmente em relação aos órgãos e funções do corpo humano. O método utilizado é o das ciências biológicas, consistindo na observação e experiência, o que modifica a posição indutiva tão frequentemente assumida nos trabalhos geográficos.

A obra do Professor Sorre, explorando um terreno em que os geógrafos formados nos campos da Sociologia ou da História sentem-se pouco à vontade, é fruto principalmente da reflexão. Considerámo-la um marco em a nova orientação da Geografia Humana e o seu autor o maior pensador dos últimos tempos, nos domínios da ciência geográfica. É fruto da escola francesa de geógrafos e inspira-se em rumos delineados por La Blache, Jules Sion, Jean Brunhes e nos geógrafos alemães que aprenderam com Ratzel.

O trabalho do Professor Sorre tem sobretudo valor de método e orientação, sendo pura Geografia, isto é, conservando-se fiel aos princípios gerais da ciência geográfica, que são os da extensão, generalidade e causalidade. Se, por vezes, falha quanto ao desenvolvimento dos assuntos, basta ler um capítulo para observar como se entrelaçam os problemas do meio físico e do homem e como toda a obra sugere a pesquisa regional.

A noção de *paisagem* encontra-se presente na obra de Sorre, mas como um complexo de imagens que, na análise, acabam dissociando-se e perdendo a unidade. A paisagem não é o único campo em que o geógrafo deve atuar para explicar as formas de repartição dos homens sobre a superfície da Terra. E, se a orientação do autor conduz à explicação dos ambientes da superfície terrestre, o livro não se resume ao estudo das paisagens. As manifestações humanas, sobretudo as do espírito, são mais complexas e envolvem aspectos que podem não se refletir sobre as paisagens. Os seus

fatos materiais, encarados como essenciais em Geografia Humana por Jean Brunhes (10), não podem ser vistos senão como um dos aspectos do meio geográfico. Dessa forma, a orientação do Professor Sorre é muito mais profunda e vai procurar na sua origem os fatos que explicam a existência do homem e dos seus agrupamentos nas diversas partes da superfície terrestre.

Outra preocupação geográfica ultrapassada no trabalho de Max. Sorre é a noção de *ilhas* como unidades humanas. Não é possível discernir leis gerais que se apliquem às ilhas; e a humanidade está sujeita a condições do envoltório de gases em que se desloca e à energia física, vegetal e animal, que animam tôda a superfície da Terra. Se existem combinações de que resultam as feições regionais da paisagem, não é a ambientes subdivididos ao infinito que se devem lançar os estudiosos da Geografia. A unidade da ciência geográfica manifesta-se, porém, no estudo do todo terrestre.

**Bases técnicas da Ecologia do homem.** — É certo que as bases essenciais do estudo do ecúmeno terrestre, propostas nos *Fundamentos Biológicos* (11, tomo I), não explicam toda a repartição dos homens e menos ainda a das suas atividades. Os problemas ecológicos apresentam-se mais complexos, porque é necessário considerar a antiguidade do povoamento, o maior ou menor ajustamento aos gêneros de vida, a exploração dos recursos naturais e, sobretudo, as condições peculiaríssimas da vida em ambientes sociais, econômicos ou políticos.

O meio social pesa sobre tôda a ação do homem, mesmo nos aspectos fisiológicos do equilíbrio com os elementos físicos e biológicos. Considerada a humanidade sob o ponto de vista dos agrupamentos em sociedade, as relações com o meio destacam o *homem criador* do conjunto de espécies animais que povoam a superfície terrestre. Nesse terreno, é digno de nota o empenho com que o Professor Sorre procura mostrar o interêsse que têm, para a Geografia, as conquistas da Tecnologia, desde as técnicas mais arcaicas e elementares até as mais complexas da civilização moderna.

É através das técnicas, desde as da vida em grupo (fatos da Geografia Social e de Geografia Política) até as da energia, inclusive as da energia mental, que se evidenciam as relações entre as atividades dos grupos e seu meio; elas visam assegurar a manutenção de um grupo humano em determinado meio e, como tal, o seu conceito confunde-se com o de gêneros de vida. É noção funcional, envolvendo problemas de adaptações, em que a energia criadora do homem intervém, possibilitando o triunfo da espécie sobre condições hostis do ambiente.

Merecem destaque, nessas considerações que a obra do Professor Max. Sorre sugere, algumas inovações verdadeiramente revolucionárias incorporadas ao texto do tomo II (*Fondements techniques*) do seu livro: por exemplo, a fórmula extremamente simples de que "as marcas geográficas da atividade dos grupos humanos resultam da aplicação de uma certa quantidade de energia a uma certa quantidade de matéria prima, em certo espaço e tempo". Essa tese, evidentemente possibilista, não perde de vista a realidade geográfica, antes procura focalizá-la e explicá-la. É um conceito dinâmico, em que a paisagem não aparece morta, nem a medida do seu valor fora do alcance do geógrafo. Pelo contrário, exprime-se como a soma das energias ou, em outras palavras, a utilização das técnicas materiais e espirituais nas construções humanas, oferecendo sugestivo processo para pesquisas regionais.

Outra novidade é o estudo tanto das estruturas sociais e políticas, como das econômicas nos fatos geográficos da vida social. As grandes sociedades por ações, os sindicatos de interesses, os "trusts" são tratados como organizações de ação geográfica.

A Geografia da Circulação ou da conquista do espaço pelos meios de transporte, entrosando-se com os problemas políticos, econômicos e físicos, aparece como um dos capítulos da Geografia da energia. As técnicas de produção e da transformação de matérias primas, integradas no conjunto das manifestações das energias humana, física, animal e vegetal, em que se resume a vida na superfície terrestre, são examinadas sob os pontos de vista da aplicação de quantidades de energia aos elementos materiais colocados pela natureza à disposição do homem. Por vêzes, o engenho humano é criador também de substâncias próprias a serem transformadas, como acontece nas indústrias modernas.

**A Ecologia do homem e a Geografia Regional.** — Os novos pontos de vista em Geografia Humana, muito bem focalizados nos *Fondements*, não resultaram de ação isolada; mas parecem exprimir com muita felicidade tendências que se vislumbravam nas obras dos pensadores modernos da Geografia ou rumos já trilhados por pesquisadores no campo regional, inclusive pelo próprio Sorre na sua tese "Les Pyrennées orientales — essai d'une Géographie Biologique" (13). É no campo da Geografia Regional, sobretudo, que os seus princípios e métodos de tratar os problemas das relações entre o homem e o meio parecem mais férteis. O próprio plano da obra é um convite às experiências regionais. A Ecologia do homem, campo aberto a novas investigações, só poderá evoluir com o acervo de materiais recolhidos em ambientes geográficos diversos.

O Professor Sorre cuida, ainda, como parte final do seu trabalho, que é o mais arrojado dos últimos tempos em Geografia Humana, de um volume sôbre o *Habitat*, ainda inédito. No pensamento que exprimiu nos livros anteriores, procurará mostrar como se repartem no globo as formas de atividade humana. Será uma síntese regional e, ao mesmo tempo, uma Geografia das civilizações, em que aparecerá "o homem inteiro, em cada uma de suas atividades".

Nenhuma outra orientação em Geografia Humana aproximou-se tanto da realidade geográfica. Se ainda falta precisão à maioria dos problemas de Ecologia Humana — e o rigor em muitos casos é impossível no estado atual da evolução das ciências que estudam o homem físico e mental —, um grande passo à frente foi dado. Como consequência, as pesquisas geográficas regionais, conduzidas com a preocupação ecológica, impõem-se naturalmente. Serão o exercício de uma posição melhor definida do geógrafo em face dos problemas do homem. Significarão o emprêgo de métodos científicos e apresentarão menores riscos de resvalar do campo da Geografia para o de outras ciências, conduzindo a Geografia do Homem a bases mais firmes na realidade geográfica.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — LANNOU, Maurice Le — *La Géographie Humaine*, Paris, Ed. Flammarion, 1949
- 2 — RATZEL, Friedrich — *Antropogeografia (Geografia dell'uomo)* tradução italiana, Milão, Ed. Fratelli Brocca, 1914.
- 3 — BLACHE, Vidal de La — *La Géographie Politique à propos des écrits de M. F. Ratzel*, in "Annales de Géographie", VII, p. 97-111.
- 4 — BLACHE, Vidal de La — *Principes de Géographie Humaine*, Paris, Ed. Armand Colin, 1941.
- 5 — FEBVRE, Lucien — *Le Terre et l'évolution humaine*, Paris, Ed. Albin Michel, 1938.
- 6 — DEMANGEON, Albert — — *Problèmes de Géographie Humaine*, Paris, Ed. Armand Colin, 1942.
- 7 — HUNTINGTON, Ellsworth — *Principles of Human Geography*, New York, Ed. John Wiley, 1940.
- 8 — HUNTINGTON, E. — WILLIAMS, F. — VALKENBURG, S. — *Economic and social geography*, New York, Ed. John Wiley, 1933.
- 9 — HIPOCRATE — *Des Airs, des Eaux et des Lieux*, trad. francesa, Paris, Ed. Littre.
- 10 — BRUNHES, Jean — *La Géographie Humaine*, Paris, Ed. Félix Alcan, 1934.
- 11 — SORRE, Maximilien — *Les fondements de la Géographie Humaine*, Paris, Ed. Armand Colin (1947, tome I — 1949, tome II).
- 12 — SORRE, Maximilien — *Fondements de la Géographie Humaine*, in "Cahiers Internationaux de Sociologie", Vol. V, p. 21-38, 1948.
- 13 — SORRE, Maximilien — *Les Pyrénées orientales — essai d'une Géographie Biologique*, thèse Sorbonne, Paris, 1913.